ANO 8.º — Sexta-feira, 8 de Outubro de 1915 — NUMERO 391

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Empresa

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

O ANIVERSARIO DA REPUBLICA

é solénemente festejado em todo o país

Em Aveiro, além doutras demonstrações de regosijo, efectua-se uma parada militar

Posse do novo presidente, dr. Bernardino Machado

Em todo o país solenisou-se, mais ou menos, na terça-feira, o advento da Republica que nesse dia, e por esforço do povo da capital, da marinha e de alguns contingentes do exercito de terra, fez cinco anos que definitivamente sucedeu, após porfiada e sangrenta luta, á monarquia que em Portugal era representada por politicos sem convicções, sem escrupulos e sem honestidade.

Fez cinco anos, pois, que os destinos do país estão entregues áqueles que compromissos solénes tomaram de o administrar bem, de acabarem com as imoralidades e tantos actos de corrução que se vinham patenteando desde o paço real á mais humilde repartição do Estado, e esse facto, que nós fortalecemos, a que démos o melhor da nossa mocidade, simplesmente animados pelo desejo ardente de contribuirmos para o levantamento desta Patria defracada, que tanto amâmos, se não constitue ainda hoje motivo para nos darmos por satisfeitos, devido unicamente á má orientação duns, demasiado sentimentalismo doutros, e insofridas ambições de terceiros, tambem não quer dizer que dele nos desinteressemos, deixando passar despercebida uma data por tantos titulos gloriosa, muito embora haja quem a tenha aproveitado para seu exclusivo interesse, desvirtuando uma obra que tantos sacrificios, tanto desgosto, tanta dôr e tanta amargura custou. Déram-lhe, além disso, dedicados construtores, generosamente, o seu sangue e a sua vida. Temos de os honrar. E' nosso dever. Prosigâmos. A Republica nenhuma culpa tem de que máus prosélitos a sirvam. Nós, sim, que, trabalhando por ela, evagelisando, espalhando principios de justiça, impondo-a como um regimen moderno, onde cabem todas as aspirações honestas, campo aberto a todas as ideias e em que pódem debater-se os mais complicados problemas sociaes, scientificos e economicos, temos necessáriamente de obstar a que se pratiquem actos que a afectem nos seus fundamentos e vão de encontro á doutrina que nos serviu para derrubar as velhas e carcomidas instituições nessa madrugada épica que a historia regista nas suas paginas ao lado dos inumeros feitos heroicos em que tem sido fertil a nação portuguêsa.

Que a recordação deste dia avive o espirito dos menos reflectidos e conduza aqueles sobre quem impendem mais fundas responsabilidades do momento a colocarem acima das suas desmedidas ambições o bem comum, honrando assim os compromissos do passado, que nenhum republicano deve esquecer ou desrespeitar, são os votos que, por sentimento patriotico, por verdadeiro e acendrado amor ás instituições, aqui ficam consignados ao assumir o mais alto cargo politico na magistratura do nosso país a figura proeminente, indefectivel do dr. Bernardido Machado.

Ordem e trabalho, moralidade e economia, disciplina e educação eis o que se impõe como indispensavel ao progresso duma Patria onde tantas dedicações se encontram para a elevar, dignificando-a.

—

A POSSE DO NOVO PRESIDENTE

O sr. dr. Bernardino Machado presta o seu compromisso de honra perante os representantes da nação

Como já tivémos ocasião de dizer, o aniversário da Republica foi acrescido este ano com o posse do novo presidente eleito pelo Congresso Nacionol, sr. dr. Bernardino Machado, da qual nos falam as seguintes notas de reportagem transmitidas de Lisboa no dia 5:

O largo das Côrtes, ás 13 horas, regorgita de espectadores. A policia é inflexivel. Pela calçada da Estrela e pela rua de S. Bento só entra quem póde entrar—parlamentares, govêrno, diplomatas e jornalistas. No atrio do palacio do Congresso, uma força da guarda republicana, com a respectiva banda. Os novos capacetes, a estrear, com largas chapas metalicas, reluzentes como oiro, dão á tropa um garbo e um ar guerreiro que impressionam. Entram os grupos de putados e senadores. Os congressistas catolicos não apareceram.

A's 15 horas, o sr. Baltazar Teixeira faz a chamada. Preside o general sr. Correia Barreto. O outro secretario é o sr. Bernardo Paes de Almeida. Desta vez os carrilhões eletricos não soaram. As tribunas enchem-se a pouco e pouco. A do centro fica á cunha. As outras vêem-se sálpicadas aqui e além de pontos claros, denunciando a ausencia de espectadores. Lá fóra, um sexteto executa a marcha do *Tanhauser*. Termina a chamada. Estão na sala 103 legisladores. Não se lê a acta e ficase á espera que o presidente eleito entre no edificio. O presidente lê a lista dos que hão-de compôr a comissão encarregada de esperar, á entrada do palacio, o sr. dr. Bernardino Machado. E emquanto os comissionados partem, ficam todos olhando a sala, que oferece, realmente, um aspecto interessante. Na tribuna do corpo diplomatico estão os srs. ministros da Inglaterra, França, Russia, embaixador do Brazil, representante do Uruguay, secretarios de várias legações, o sr. ministro da China e outros diplomatas. Apenas nma unica senhora lá se encontra.

O sr. dr. Bernardino Machado chega ao Congresso. Vem em carruagem á *Daumont*, puxada a duas parelhas; é acompanhado por um esquadrão de cavalaria da guarda republicana. As bandas tocam o hino nacional. Há vivas repetidos, vibrantes, calorosos. O sr. dr. Bernardino Machado apeia-se. Trocam-se cumprimentos e fórma-se o cortejo. A' frente o pessoal menor, vestido a rigor. Depois, a deputação. Por fim, o novo presidente com os das duas câmaras. O cortejo sóbe a escadaria, penetra nos Passos Perdidos e entra na sala das sessões pela porta da direita. Está toda a gente de pé. O sr. dr. Bernardino Machado faz a sua venia ao corpo diplomatico, sóbe, pela esquerda, á tribuna presidencial, fica de pé junto do sr. Correia Barreto e espera. O presidente diz então que o novo chefe do Estado vai prestar o seu compromisso de honra. O sr. dr. Bernardino Machado apodera-se da folha de papel onde a formula oficial está exarada, e lê em voz clara e firme perante o Congresso, que o escuta de pé e em silencio:

Afirmo solenemente, pela minha honra, manter e cumprir com lealdade e fidelidade a Constituição da Republica, observar as leis, promover o bem geral da Nação, sustentar e defender a integridade e a independencia da Patria Portuguêsa.

Depois, com a mesma voz clara e imperturbavel, o sr. dr. Bernardino Machado lê a seguinte alocução:

Senhores!

Saudando deste lugar o meu eminente predecessor, dr. Teofilo Braga, que deu logo ao govêrno provisorio da Republica o auspicioso prestigio do seu grande nome mundial, apresento ao Congresso os protéstos enternecidos do meu devotadissimo reconhecimento pela suprema investidura que se dignou outogar-me, tanto mais honroso quanto mais grave é o solene momento que atravessamos.

Sem embargo das resistentes dificuldades herdadas, muitas das quaes dir-se-iam já irredutiveis, iamos afirmando eficazmente a acção salvadora do novo regimen, formula fiel do nosso progressivo disciplinamento popular, quando sobreveio a formidavel guerra atual—em que tanta armas nações amigas, uma delas mesmo nossa inseparavel aliada—abrindo perante nós um periodo mais que dificil, inquietante para a obra de restauração social que iniciámos.

Não haverá, contudo, provação que possa abater-nos ou humilhar-nos, se, com firme hombridade, puzérmos abnegadamente, como nos cumpre, o dever colectivo, que é tambem o interesse comum, da defêsa interna e externa da nação acima de todas as nossas disputas e contenções divisorias. Comprovemos bem alto o nosso civismo, para que deste penoso lance de anciedade e de sacrificios saiâmos moralmente robustecidos para melhor proseguirmos, sem o minimo desdoiro, a realisação, tão contaminada pela reaccionaria decadencia monarquica, do destino inconfundivel que a historia traçou ao povo heroico, que, colocado na vanguarda da Europa, teve o arrôjo imoral de ir, á sua frente, implantar pelo mundo inteiro a definitiva hegemonia da sua civilisação.

O acolhimento, de feliz augurio, dispensado, dentro e fóra do país, á eleição presidencial, enchendo-me a mim da mais confortadora gratidão, representa certamente o aplauso geral ao proposito de pacificação politica que se viu nela, e portanto, uma espectativa confiante na inquebrantavel solidariedade dos nossos corações patriotas. E essa confiança é um verdadeiro mandato imperativo.

Orgulhosos de o merecermos, com o pensamento em todos os nossos concidadãos de áquem e de álem-mar, sobretudo naqueles que mais necessitam de carinho e amparo governativo—o povo, a mulher e a creança—conclamemos, com a fé ardente, inextinguivel, o verbo sagrado que resume esperançosamente os seus mais nobres anelos da alma nacional:

— Viva a Republica Portuguêsa!

A leiturо findou. Ao viva á Republica do novo presidente segue-se uma tempestade de palmas e um diluvio de aclamações.

O novo chefe do Estado desce os degráus da tribuna, sái pela porta da esquerda e, sempre acompanhado pela deputação de parlamentares que lhe fez as honras da casa, segue para a janéla historica de onde hade, sob o docel, mostrar-se ao povo. O sr. dr. Baltazar Teixeira conduz o pendão nacional. Uma vez na varanda, o sr. Correia Barreto anuncia que o chefe do Estado acaba de prestar o seu compromisso de bem servir a Patria e a Republica. Cá em cima soltam-se vivas. Lá de baixo vem aclamações formidaveis, que atingem, por vezes, o caracter de uma verdadeira apoteose.

O sr. dr. Bernardino Machado volta a descer para o atrio. A multidão, ao tornar a vê-lo, vitoria-o uma vez ainda. Prepara-se a partida para Belem. O' sr. dr. Bernardino Machado sae acompanhado pelos srs. Correia Barreto e Azevedo Coutinho, presidentes das câmaras, e pelo sr. Luiz Barreto, secretario interino da Presidencia da Republica. O govêrno já lá vai, com antecedencia. A' frente do coche presidencial trota um esquadrão da guarda republicana. Atraz segue outro. Por ultimo, vários automoveis com deputados e senadores fecham o cortejo, que as bandas de musica despedem, executando uma vez mais a *Portuguêsa*.

O sr. dr. Bernardino Machado é muito aclamado pela multidão enorme. Os vivas são ininterruptos. Quasi de pé, na carruagem, o chefe do Estado saúda tambem o povo, que se aperta e comprime, pra vêr melhor. Muitos republicanos de categoria partem tambem para Belem a cumprimentar o novo chefe do Estado, cuja posse, perante os representantes da nação, decorreu com uma compostura e um brilho excepcionaes.

* * *

Quanto ás festas que em toda a Lisboa se realisaram, todos são unanimes em que elas foram brilhantes e entusiasticas, presenciando-as milhares e milhares de pessoas. A grande parada militar, porém, realisada na Rotunda, foi o que mais interesse despertou no povo da capital. O presidente da Republica, o exercito e a marinha receberam delirantes aclamações, decorrendo tudo, sem que qualquer incidente se produzisse.

Em Aveiro

E' distribuido um abundante bôdo aos pobres e o elemento militar associa-se á comemoração do aniversario da Republica, efectuando uma parada no Passeio Publico

O dia amanheceu formoso, rutilante de sol.

Logo de madrugada, girandolas de foguetes sobem ao ar e salvas estrondosas anunciam que, embora modestamente, o aniversário da Republica não passa em claro nesta cidade. Todos os edificios publicos e associações locaes aparecem com as suas bandeiras hasteadas, á excepção da Companhia dos Bombeiros Voluntarios, o que se torna notado por se tratar não duma festa partidaria, mas duma

Films . . .

Ora chuchem

Conta-se que um oficial do exercito, acusado de monarquico, foi convidado a apresentar a sua defêsa, enviando á chamada comissão de separação do ministério da guerra uma *resposta militar*. Querem saber o que ele mandou dizer? Que, militarmente, só poderia responder á comissão... como Cambronne respondera aos inglezes...

Outra: um sargento, convidado tambem a defender-se, recusou-se a isso. Declarou que não reconhecia aos membros da comissão, todos eles antigos monarquicos, qualquer autoridade para o julgarem a ele, que sempre fôra republicano e revolucionario.

Por sua vez, um senador, que é ao mesmo tempo director dum estabelecimento de ensino, denunciou dois professores, seus subordinados, como monarquicos. Pois quando a comissão os chamou, para que se defendessem, eles apresentaram dois atestados do mesmo senador, declarando os... republicanos.

Só gostavamos de observar a cara dos taes, dos que, sem autoridade para desempenharem a missão de que o govêrno os incumbiu, sem dever, tão indignamente procedem não se lembrando do que fôram.

Mistério

Noticiaram alguns jornaes de Lisboa que no bairro de Alfama foi ferido com um tiro no abdomen cérto sugeito, que, apezar de saber o nome do seu agressor, se recusou terminantemente a declara-lo na policia.

Estás a vêr: supõe o homem que não é dificil a pessoas de bons costumes penetrarem no intimo de cada um... e quer que advinhem...

Caspité

O sr. Jaime Lima publicou agora um livro intitulado *A Guerra* a proposito do qual a critica chama ao antigo agente do Banco de Portugal em Aveiro e provedor da Mizericordia, *distinto economista*, mimoseando-o ainda com outras palavras elogiosas em que se destaca o conceito de que *ele afirma mais uma vez o seu criterio e bem esclarecido espirito na resolução dos mais grâves problemas sociaes, economicos e politicos*.

Os nossos parabens aos felizes de Eixo, que o teem por habitante da freguezia, já que a esta cidade não coube a dita de vêr, praticamente, por onde o sr. Lima revelasse tantas aptidões...

"O Povo„

Entrou no 5.º anó este denodado campeão da democracia que se publica em Lisboa sob a direcção do antigo republicano Ricardo Covões.

Brilhantemente colaborado e seguindo uma orientação que não póde deixar de agradar aos que sincéramente trabalham pelo rejuvenescimento da Patria pela Republica, o *Povo* tem, por vezes, assumido dignas atitudes que nos enchem de verdadeiro entusiasmo por vêrmos que o sectarismo partidário nem tudo alterou, nem tudo perverteu. E' que, se não fôr assim, creia-o o distinto camarada, isto afunda-se, perde-se irremediavelmente. E o *Povo* presente-o quando diz:

> «... Bem sabemos que muitos dos que são hoje republicanos *historicos* adoravam ainda no dia 5 de Outubro de 1910 os srs. José Luciano, Teixeira de Souza e João Franco. Não concordam eles com a nossa orientação porque éla, acima de tudo, é republicana e patriotica. São neste caso, talvez os unicos, coerentes com o seu passado. Não é republicano quem quer! Se no tempo da monarquia era dificil ser republicano, hoje não o é menos, devido aos processos monarquicos que se estão pondo em pratica na nossa vida politica.»

Pois então saiba a imprensa republicana cumprir com o seu dever, como faz o *Povo*, mantendo firme os principios pelos quaes se regem as modernas instituições, e depois se verá quem melhor as serve: se os que combatem os abusos, os erros, os crimes com altivez e isenção, se os que defendem tudo isso, seguindo o sistêma monarquico de tão funestas consequencias.

Receba o *Povo* cordeaes felicitações de todos quantos trabalham no *Democrata* animados por uma ardente fé na redenção de Portugal republicano.

comemoração de caracter nacional. A's 8 horas são tambem arvorados, solenemente, nos quarteis, os respectivos pavilhões a que a guarda faz a continencia da ordenança, tocando, cá em cima, a banda de infanteria 24 o novo hino que o 5 de Outubro nos legou.

São 9 horas. Para a séde do comando militar (edificio do Asilo Escola) convergem pobres, que em numero de 200 ali devem receber, mediante os cartões que previamente lhes foram distribuidos, 20 dos quaes por intermedio do *Democrata*, distinção que muito agradece ao sr. comandante Cristiano Braziel, a quantia de 20 centavos com que a guarnição desta cidade resolveu comemorar o 5.º aniversario da Republica.

Depois, na séde do *Centro Escolar Republicano*, à rua do Caes, vão pouco e pouco entrando os possuidores de outros cartões, aos quaes será tambem distribuido um bôdo comemorativo do restabelecimento da eminente figura politica, o dr. Afonso Costa.

São 160 os contemplados, que, conduzidos parn a sala do bilhar, aguardam o momento para a entrega do donativo.

No salão, cá fóra, sobre várias mezas alinhadas, estão os pratos com 1|2 kilo de carne e 125 gramas de toucinho, os sacos com 1|2 kilo de arroz, o bacalhau, o pão de 500 gramas e as 160 moedas de 10 centavos que completam a oferenda que cada um dos contemplados receberá.

Os pratos, trabalho da fabrica Aleluia & C.ª, tem no fundo, pintado, um barrete frigio e em volta os seguintes dizeres—*Homenagem ao dr. Afonso Costa—5-10-1915.*

No centro da sala, sobre uma meza, pousando numa bandeira nacional, um bélo busto da Republica defrontado com o retrato do eminente patriota, que tambem está cingido pela bandeira republicana.

O sol bate em cheio no edificio, levando até ao interior do salão o calor dos seus raios e a intensidade da sua luz. Os membros da Comissão tomam os seus logares e á entrada do primeiro pobre, ha em todos os corações dos devotadissimos republicanos ali presentes uma comoção profunda, que lhes sacode o espirito, outr'ora tantas vezes abalado pelo anseio e pela duvida durante a luta de tantos anos.

Irrompem estridentes vivas á Republica, á Patria, a Afonso Costa e na rua estoiram os foguetes, os morteiros.

Os pobres, trémulos de emoção, recebem a oferta.

Uma pobre velhinha, de cabelos muito brancos e curvada ao pezo dos anos, é a primeira beneficiada. Depois segue-se, numa absoluta regularidade cheia de unção pelo alto e humano significado que traduz, aquela festa tão elevadamente significativa e caridosa, que ao menos por algumas horas levou o conforto a muitos lares.

Não regatearemos os nossos louvores á comissão encarregada de tão honrosa taréfa, e bem assim aos que egual ideia tivéram pertencentes á classe militar.

Terminada a distribuição de novo se queimaram foguetes, ficando no coração de todos a reconfortante consolução do sagrado cumprimento dum dos mais elevados sentimentos—a caridade.

* * *

Pelas 13 horas perfixas era avultado o numero de pessoas que se encontravam no Passeio Publico para presenciarem a parada militar que o programa anunciava. Lá fomos tambem e confessâmos que nos deixou a mais agradavel impressão esse numero organisado decérto sob o influxo de uma grande paixão patriotica que hoje anima o soldado português.

Na parada tomaram parte forças de marinha, da guarda fiscal, de infanteria e cavalaria, comparecendo as autoridades civis, judiciaes, funcionarios publicos, piquetes das duas corporações de bombeiros, devidamente uniformisados e bastantes senhoras.

A continencia á bandeira é feita garbosamente pelas tropas, ao som do hino nacional, descobrindo-se os circunstantes, no cumprimento dum imperioso dever, ante o simbolo da Patria.

Discursos

Terminada esta impressionante cerimonia, destaca-se dum grupo de oficiaes o capitão de cavalaria 8, sr. Carlos Guimarães, que diz estar encarregado pelo seu comandante de lêr o discurso que o camarada capelão Barbosa teria de proferir se a doença o não impedisse de ali comparecer. E' mais um protésto contra a calunia que lhe levantaram.

E lê:

Ex.mo Comandante

Meus Queridos Camaradas e Soldados

Na historia da nossa patria não consta que soldado algum declinasse os seus deveres perante a disciplina e esta está tão arreigada na nossa alma que não pude eu escusar-me ao convite do meu Ex.mo Comandante, para dizer duas palavras na festa que aqui nos une. Falta-me a alma do orador, os predicados e o habito da oratoria que em tantos aqui presentes eu sei existirem; podiam poupar-me em momento tão soléne; imperou, todavia, a disciplina e então é o soldado que vai falar ao coração dos soldados e não a vós, meus queridos Camaradas, a cujo talento eu me submeto para vos escutar.

Reunidos aqui em festa fraternal, o meu coração rejubila sempre que a Patria se veste de galas para solenisar os seus feitos grandiosos, os gloriosos factos da sua historia, a comemoração dos seus dias de gala.

Não ha, não póde haver português digno deste nome, que não tenha a alma abraçada a este torrão glorioso que criou heroes de tanta grandeza, que a historia mundial não regista eguaes, pois que fômos nós e só nós, que, deste canto da Europa, démos lições aos povos e ao mundo, levando a civilisação a toda a parte, abrindo o caminho dos mares desconhecidos, descobrindo continentes ignorados!

A historia, diz-nos que Roma e Grecia foram grandes: esta com os seus filosofos, aquéla com as espadas dos seus generaes; mas nem os filosofos foram além duma escola imperfeita, nem os generaes romanos passaram do Imperio do Oriente ou Ocidente; e nós, pequenos em numero e sem o estado maior da riqueza e dos sete sabios, acantonámos nas cinco partes do mundo, hasteando em todas élas o lábaro sacrosanto da civilisação!

E' cérto, soldados, que enebriados de tantas vitorias, adormecemos um pouco e quando acordámos vimos o estrangeiro arrebatar-nos praças e nações que só nossas eram; todavia, ainda muito nos ficou, e o que mais importa saber é que não nos roubaram a gloria que fez grande a nação portuguêsa, nem a alma de todos os nossos heroes que é toda a nossa alma, sempre pronta na defêsa da Patria e das suas instituições.

E se levaram territorio, não pudéram levar Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, Nuno Alvares Pereira, nem o épico que em versos sublimes cantou os feitos portuguêses. Uma nação dum passado tão glorioso não sucumbe enquanto tivér dois filhos com vida.

Debate-se a Europa em guerra sangrenta e terrivel; não se póde saber o que será o dia de ámanhã, mas sabemos de verdade que o portuguez de lei, prefere a morte á má sorte.

E tu, sina intemerata da minha Patria, que ha cinco anos te ergueste como esperança redemptora, não consintas nas dissensões dos teus filhos que em volta de ti se agrupam para te defender! Hoje, mais do que nunca—porque defendem a Patria—não permitas os odios e malquerenças, mesquinhas ambições e baixas intrigas! Ergue-te envaidecida com a gloria do passado e a esperança do futuro, que os teus filhos saberão honrar-te na hora do triunfo ou da desdita! E no ultimo arranco da vida, amortalha-os todos com carinho, que a historia hade continuar a dizer:—*Ditosa Patria qae taes filhos tem.*

A assistencia corôa as ultimas palavras do orador com uma salva de palmas, depois do que se segue outro discurso pelo major de infanteria 24, sr. Pinto Queimada, que assim se exprime:

Uma afirmação soléne de respeito e uma convicção sincéra de fé patriotica constituem a maneira como deverá ser entendida esta minha exoração submissa, que me foi dado aqui dizer em honra e homenagem das Instituições que nos regem.

Antes, porém, de entrar na exposição que me vou permitir lêr, não posso nem devo preterir, e não preterirei, o grato e indeclinavel dever de exorar humildemente a V. Ex.ª e a cada um em particular todos os primores da sua mais acrisolada benevolencia. Quizéra manter-me silencioso, não só porque via outros muito mais disertos do que eu na dificil arte de exprimir pensamentos, mas porque me havia de sentir enleiado pela emergencia duma situação trabalhosa e—quem sabe?—invencivel. Mas ha cousas que valem mais do que tudo isto, e a obrigação do soldado é avançar se quizer vencer.

* * *

Comemora hoje a Republica o seu 5.º aniversario. Ha acontecimentos que nunca mais se apagam da memoria dos povos. A proclamação da Republica em 5 de Outubro de 1910 é um destes, e a Historia hade comémora-lo, louvando-o quanto deve.

Honra e trabalho foi o primeiro lêma a encimar os diplomas iniciaes da Republica, e viu-se como toda a população, com um juizo e civismo que é timbre do português honrado, observou

com o maior escrupulo essa primeira virtude; para ampliar o segundo vamos concorrendo todos com diligencia e empenho a fim de que se acentue decididamente uma nova éra na existencia de Portugal.

Raça de natural pouco expansiva, a nossa, embora sentimental e entusiasta no fundo; de aparencia calma e fria mas ardente e frenetica no intimo, a atitude assumida pelo povo na revolução da madrugada de 4, nivela-se, se não excede, á tomada por qualquer outra nação, das que até então serviam de modelo, de correcção e de nobreza em conjunturas analogas.

Seja-me permitido ajuntar a esse facto sublime a recordação dum outro que me sensibilisou em extremo pela sua grandiosidade civica—a primeira sessão da Assembleia Nacional Constituinte do dia 19 de junho do 1911, em que do alto da cadeira da maior representação publica foi lido o decreto da proclamação pela qual a fórma de govêrno de Portugal é a de Republica Democratica. E' uma lição sublime essa sessão memoravel, em cuja sala resoaram veementes, como um hino de guerra que sóbe do coração aos lábios, as palavras nobres e augustas que facultam a Portugal uma nova éra na sua historia, lhe mostram um futuro de legitimo progresso e correm sobre o passado o véu de um magnanimo e complẽto esquecimento. Como isto é soberbo e grandioso, ao mesmo tempo que austero e patriotico!

Fomos sempre um povo diminuto no numero, mas grande nas acções. Em todas as épocas da nossa historia pódem-se dizer os nomes de generaes ilustres cujas espadas dourára o sol da vitoria, de homens eminentes cujos serviços e conselho eram lustre e proveito no país e fama e emulação no estrangeiro; os nossos antepassados legaram-nos tão gloriosa herança que, se não quizermos desaparecer, debaixo do ponto de vista historico, temos de a sustentar e honrar forçosamente.

E' pezado e dificil esse encargo tradicional. Para que o conduzâmos bem através do tempo e do espaço, preciso se torna que cada um tome sobre os ombros uma parcéla do seu pêso, e ao exercito não cabe a menor a dentro da sua missão. Somos hoje pequenos, somos; e aqueles homens eram grandes, mas em todo o caso a nação é maior. Não ha heroi que valha o povo.

* * *

Toma parte o exercito em actos da natureza deste que aqui nos traz e muito bem, porque o exercito é uma parte integrante da nação e está em intima afinidade com ela. Ele é hoje a grande escola de patriotismo, de honra, de disciplina e de concordia.

Todas as festas nacionaes, por singélas que sejam, teem mesmo nessa singeleza uma alta significação moral e civica, ao passo que avivam e afervoram o sentimento patriotico do povo, cujo acrisolado amor á liberdade foi brilhantemente afirmado em todas as éras, uma vez ainda em 5 de Outubro de 1910.

Pelo exercito foi celebrada a comemoração centenaria da Guerra Peninsular, fazendo-se perpassar no espirito do soldado, nitida e perfeita, a recordação dos feitos de armas duma notavel pleiade de soldados incendidos no fogo dos combates durante esse turvado periodo que vai de 1807 a 1814.

Pelo exercito tinha de ser tambem celebrada a data em que a Republica proclamada ascendeu ao govêrno supremo da nação para a guiar, fortalecida, até aos mais altos e nobres destinos, com a ideia nitida, com o sentimento claro e preciso da Patria.

Disse um oficial do nosso exercito e distintissimo historiador que, *dentro de cada meio, o orgão da defeza, o instrumento militar, não se define e compreende sem que o consideremos como legitimo produto desse meio.* E' cérto. As caracteristicas fundamentaes, tipicas do seu meio, conserva-as a milicia portuguêsa, mas modificadas pelo que lhe trazem de melhor e de mais util as correntes das ideias vindas de bem longe ás vezes, e que se cruzam e se equilibram no organismo militar correspondente á época em que essas ideias sua influencia exerceram. E assim, em cada periodo da nossa historia acompanhámos o movimento, tivémos um lugar marcado e uma representação superior.

Deixemos as suas épocas mais antigas, a do Mestre de Aviz, onde Atoleiros e Aljubarrota representaram o que de melhor se apurára na França da Idade média; a da Restauração, quando em Montes Claros se feriu a memoravel batalha que ficou representando o que a sciencia militar até então realisára de mais perfeito; a acção prodigiosa do Marquez de Pombal, com a organisação militar do Conde de Lippe, que nos trouxe o que havia de melhor na sciencia da guerra.

Inicia-se o seculo 19 com uma campanha deslustrosa para as nossas armas, e que representa os desastres de Arronches e de Flor da Rosa e a perda de Olivença; segue-se a primeira invasão, em 1807, a cujas tropas esfarrapadas abriram livre caminho uma politica sem norte e um govêrno sem caracter, uma revoltante incuria em tudo que respeitava á organisação militar—quando não faltavam nem energias moraes á nação, nem ao povo aquelas qualidades que sempre poz em admiravel relêvo quando houve quem as soubésse aproveitar e valorisar.

Bastou, porém, que houvésse quem organizasse, disciplinasse essas energias, e os campos de batalha portuguêses foram o alto exemplo do que póde, nas mãos de verdadeiros chefes militares, a topografia admiravel de uma região, a indole e a bravura de um povo, o sentimento da independencia e da liberdade levado até aos extremos sacrificios.

Nesses campos de batalha explodiu pela primeira vez a mortifera schrapnel; pela primeira vez zumbiu a bala estrangulada nas estrias do cano, nos terrenos onde se feriram as acções de Roliça e do Vimeiro; a tactica francêsa, manobreira, dominadora pelo impeto, cedeu o passo á classica tactica linear, ao modelar sistêma defensivo adoptado pelos que faziam caír por terra as aguias de Napoleão nos cerros altivos da Calumbeira e do Bussaco, e nas vertentes escarpadas do Douro; e a engenharia militar conquistou na construção das linhas de Torres Vedras um dos titulos mais nobres de que se póde orgulhar, como representando para sempre o escudo por excelencia da independencia dum povo.

Tudo isto nos honra e enobrece, mas se a Historia nos dá razão para nos enaltecermos, nos ensina tambem a nos precavermos contra os erros de que nos teem provindo desastres e tristezas. E' verdade ter por vezes desaparecido da nossa terra a educação militar e a disciplina social, o que levou um oficial ilustre a dizer—*pobre país e pobre exercito!*—De 1820 a 1831 perdeu tudo quanto Beresford nos ensinára!

Ora é nesses erros que principalmente devemos pôr os olhos, nós, e somos nós todos, que temos por dever honrar o presente e garantir o futuro.

* * *

Tanto se falava na paz e se aparelhava a guerra!

Emquanto no mundo houver ambições de riquezas e de mando, revindicações nacionaes, antagonismos de raças, concorrencia de mercados, os sentimentos do odio, da emulação, da violencia—e hade havê-los sempre—jámais deixarão as guerras de existir.

A luta armada entre os homens, a luta armada entre as raças, é não só uma lei natural da humanidade, mas uma condição permanente da sua propria existencia. Se para os estados poderosos a força póde servir para aumentar o seu poderio e prestigio, para as nações pequenas será sempre o emprego da força um dos meios de fazerem respeitar o seu direito á vida.

A luta afervora, exalta o sentimento da Patria. O sentimento da Patria, da independencia é da liberdade alimenta-os, levanta-os o exercito, instituição nobilissima da fé e do dever cumprido até aos extremos sacrificios. E para que o patriotismo—que consiste em sentirmos o nosso interesse e a nossa vida confundidos no interesse e na vida da nação—não possa ir-se amortecendo na consciencia publica, cumprenos a nós, os militares, aos oficiaes principalmente, erguer bem alto esse santimento, pelo nosso esforço e exemplo; pois a nós muito em especial está isso confiado, não só instruindo o soldado para a guerra, mas educando-o como homem; e nos países sem instrução é menos um analfabeto a descontar na percentagem sombria da ignorancia.

E' por isso que o exercito moderno é um organismo vivo, constituido por homens livres, que o amor sincéro da liberdade e da independencia, o culto verdadeiro pelas instituições, liga e irmana numa colectividade em que a afinidade moral é absolutamente indispensavel.

Como alguem mais, eu entendo que entre iguaes, superiores e inferiores, guardadas as distancias hierarquicas, entre os que mandam e os que obedecem, deve existir essa sã disciplina, essa afinidade de coração, tão necessárias ao chefe para se guiar a si, guiando os outros—o que valeu a um oficial nosso dizer que na tragedia humana, que é a batalha, só logram vencer os que sabem manejar corações tão bem ou melhor do que manejam a sapa, o sabre, o canhão ou a espingarda.

Soldados!

No momento atual todas as nacionalidades se agrupam em redor do simbolo da sua Patria; todos, todos que sentem na alma e na consciencia a gravidade da conflagração que atravessou quasi a Europa inteira, lançando-a, com a bruteza sangrenta de seus horrores, numa guerra como outra não houve igual, combatem com uma coragem mais que humana, animados por um patriotismo tão elevado quanto grandioso.

A Bandeira de Portugal temo-la aqui junto de nós, a minha bandeira que tambem é vossa, porque ela é indivizivel. Vós jurastes perante ela, como todos os vossos camaradas, amar e defender a Patria, guardar e fazer guardar a Constituição politica da Republica, e respeitar sempre os superiores, e sabeis que a fidelidade á Bandeira é o primeiro dever do soldado.

A vossa vida não vos pertence: empenhaste-la para sempre ao Dever para com esta Patria tão amada, que ninguem a tem mais béla e mais digna de amor.

Patria que pelo esforço secular dos seus herois, dos seus homens de sciencia e de trabalho, criou um sentimento, uma vontade, um povo historico comum; Patria que fundou tão longe um estado poderoso como o Brazil e colonias extensas como Angola e Moçambique; Patria que tem uma historia brilhantissima e criou uma lingua que se fala nas cinco partes do mundo; Patria onde nasceram os nossos paes, onde tivémos o nosso berço; Patria que tem um poema imortal, os *Luziadas*, para celebrar essa aliança genial da arte da guerra com as mais belas e encantadoras artes que ainda levantaram e enobreceram o espirito humano.

Uni-vos em tôrno da bandeira da Republica, simbolo do sacrificio e da honra nacional!

Estamos hoje vivendo horas bem grâves para que os corações de todos os portuguêses se ergam num só designio, que é o bem da Patria. Entremos nessa taréfa com denodo; o grito de Santiago! Portugal! que nas lutas de outróra com Castela reboou sobre as hostes portuguêsas, esse grito é tão cheio de acrisolada devoção e de sagrado amor, como este que anseio agora por soltar-se de todos os corações com entusiasmo tão fecundo que daqui possa retumbar pelo país inteiro:

Viva a Republica Portuguêsa!

Entusiasticamente correspondido, esta saudação á Republica é como que o fecho da brilhante revista militar, que nesse momento é dada por finda, recolhendo a quarteis os vários contingentes que a tornaram luzida.

Por determinação do digno comandante de infanteria 24, tocou a seguir, no jardim, e durante uma hora, a banda do mesmo regimento alguns trechos do seu reportorio. Mais tarde fez-se ouvir novamente num corêto levantado no Largo 16 de Maio, em frente aos Arcos, que por esse motivo estivéram, enquanto durou o concerto, algo concorridos.

A' noite iluminou a fachada dos Paços do Concelho a renques de gaz, e além desse edificio outros, como o correio, profusamente iluminado á veneziana, governo civil, comissariado de policia, Liceu, quarteis, e centros democratico e evolucionista, etc.

As bandas dos Volutarios e José Estevam fizéram-se ouvir até á meia noite, respectivamente, nos largos da Republica e 16 de Maio, hora a que se deu por finda a comemoração que nem por ser modesta deixou de valer pelo seu grande significado e altos sentimentos de inegavel fé republicana dos que a levaram a efeito.

"O Democrata,, NA CHINA

O primeiro assinante que este jornal possuiu na China, Daniel Maria Freire Côrte-Real, filho do falecido capitão de infanteria e fiscal do corpo de policia de Macau, Frederico Guilherme Freire Côrte-Real, natural de Castelo Branco, data de 1912. O interesse, porém, que Daniel Côrte-Real, hoje ocupando o cargo de imediato do correspondente do Hongkong e Shanghai Bank, socio da Sociedade de Geografia de Lisboa e Fellow of the Royal Geographical Society of London, desde logo mostrou pelo jornal, fez com que o *Democrata* ali se tornasse conhecido, a sua doutrina fosse várias vezes transcrita por um colega republicano—*A Rotunda*—que em Shanghai viu a luz da publicidade, e consequentemente que outros membros da colonia portuguêsa se inscrevessem no livro dos nossos assinantes, honra que sobremaneira nos cativa e induz a saúdá-los no numero de hoje, a eles que longe da Patria vivem, ansiando por a vêrem feliz, grande, prospera sob a égide augusta da Republica, que ha cinco anos rebrilha no nosso querido Portugal como um astro fulgurante de luz onde ha scintilações de esperança, revérberos de infinita grandêsa para um povo que saíu da escravidão, emancipado de tutelas aviltantes, libertos, desembaraçado dos preconceitos que lhe tolhiam todos os movimentos.

A Daniel Côrte-Real, pois, e aos que, como o ilustre amigo, habitam a Republica Chinêsa, um cordeal abraço de confraternização lhes enviâmos deste canto do ocidente, aos primeiros clarões do sexto ano que a Democracia enceta.

Saneando

Subordinado a esta epigrafe, o nosso colega *Independencia de Agueda*, refere-se no ultimo numero á demissão do mestre de Obras da Barra, Alfredo Manso Preto, publicando o seguinte:

«Na reunião ordinaria da Junta da Barra, de sábado ultimo, que se efectuou, conforme o costume, no Govêrno Civil de Aveiro, entre assuntos de interesse geral, foi eliminado do quadro dos empregados da Junta um tal Manso, antigo galopim monarquico, de que ainda não houvéra, não sabemos se coragem ou oportunidade de pôr na rua. A causa que serviu agora á Junta para fazer este acto de moralidade, foi uma ultima proesa em que os dinheiros e os interesses do Estado foram malbaratados em beneficio dos interesses dele.

O novo funcionario será admitido por concurso e entre os concorrentes de melhores habilitações.»

Levanta-se uma ponta do véu; mas melhor seria que ao publico se dissésse tudo para reabilitação dos que já passaram por caluniadores.

Falaremos...

O sr. Acacio Rosa fez inserir no *Riso do Vouga*, de ontem, uns interessantes documentos que nos vão servir á maravilha para acabar de o confundir no proximo numero.

Não perde com a demora. Nem ele nem as suas convicções monarquicas, agora espesinhadas, escarnecidas e amarfanhadas por causa do emprego.

E não queriam que D. Manuel se pirasse quando lhe cheirou a chamusco, conhecendo a sinceridade dos seus amigos e defensores!..

O' pernas...

PELA IMPRENSA

Recebemos a visita dum novo colega que principiou a publicar-se em Lisboa com o titulo de *A Luza Patria*, bi-mensario democratico da direcção de Luiz Zamára e tambem do *Catorze de Maio*, orgão dos revolucionarios que entraram no movimento armado contra a ditadura pimentista, derrubando-a.

Apresentam-se bem redigidos e altaneiros na defêsa dos bons principios.

=O *Democrata Feirense*, orgão do Partido Republicano Português, entrou no 2.º ano de publicação dirigido pelo advogado nos auditorios da comarca da Vila da Feira, sr. dr. Americo Teixeira.

A todos cumprimentâmos afectuosamente.

Á CAMARA

Pedimos-lhe que volte a reparar pelas palmeiras que circundam o vasto campo do Rocio, outra vez envoltas nas hervas que á sua roda crescem, e bem assim que volva os seus olhos misericordiosos para os edificios das escolas, cujas portas e janélas se acham em estado lastimavel devido ao completo abandono a que teem sido votadas.

Parece incrivel, mas é verdade.

Pelos campos da instrução

—=(*)=—

Fechámos o último artigo dêste título com uma referência, muito passageira, aos *cadernos escolares*. Antes, porêm, de prosseguirmos nas considerações que o assunto nos merece, é dever de lialdade informar, desde já, os nossos leitores de que, pelo que respeita ao sêlo de 50 centavos—uma espécie de porteado—em cada livro ou compêndio superiormente aprovado para uso nas escolas primárias, secundárias e superiores, não só, como já dissémos, tal primor de filatelia não adornará a livralhada dos estudantes incipientes, mas até, por agora, deixará de florescer, como hieroglifo heráldico no rosto do mais nacional de quantos livros estrangeiros as escolas secundárias e superiores carecem de se utilizar. E' que s. ex.ª o Ministro da Instrução *considera a medida inoportuna, não se valendo, portanto, o govêrno daquela disposição legal*. Ora, se com tal decisão, com que folgâmos, há quem lucre monetàriamente, a verdade é que perde muito a estética do livro, sem o adjutório do anunciado signáculo, garantia superna da autenticidade do produto livro, para que êste, como se fôra produto gato, se não possa impingir com o rótulo de lebre ao consumidor incauto.

E, agora, vamos aos cadernos escolares:

Art. 44.º—E' o govêrno autorisado a modificar o actual caderno escolar, adoptando novos modêlos, tornando-o obrigatório para todos os individuos que pretendam ou estejam seguindo o curso de instrução secundária no ensino oficial, particular e doméstico, e para as alunas do curso especial de educação feminina.

§ único. O govêrno fixará o preço e as condições para aquisição e registo do caderno escolar, a que se refere êste artigo, devendo a respectiva receita reverter para o Estado, depois de reembolsada a Imprensa Nacional da importância proporcional a cada exemplar das edições oficiais.

Não querendo deter-nos a meditar no que venha a sêr receita do Estado, depois do reembôlso a fazer à Imprensa Nacional duma despêsa seguramente variável para cada edição, porque nem papel nem tinta teem hoje, por motivo da guerra europeia, preços estáveis no mercado, pedimos a quem nos lê que note que o caderno modificado é tornado obrigatório para todos os que estudam nos liceus ou a êstes estabelecimentos tenham de ir fazer exames, sejam êles singulares... ou plurais. Mas note-se ainda mais: o caderno ainda é imposto, como um sacramento *in articulo mortis*, aos que pretendam seguir um curso, embora o não estejam seguindo.

Mau grado nosso, somos arrastados a concluir que até os espermatozoidais estudantinhos do 1.º grau se teem de couraçar, para o que dér e viér, com o caderno escolar do liceu, porque é natural que as suas previdentes paternidades já antegozem para as suas ainda flexíveis e cueirentas vergônteas, os deslumbramentos duma coroa de legislador que, para sêr da mais viridente gilbarbeira e aromática murta, não deve deixar de têr raizes adiposadas no húmus fertilizante dum caderno escolar *in great style*.

E nós, que somos proletàrios, isto é, que fizémos muita prole, ou, mais comezinhamente falando, que contâmos no activo matrimonial uma apreciável colecção de presumíveis pais da pátria, se uma corrente de bom senso os não desviar de semelhante vórtice—nós temos de nos premunir com abundância de cadernos escolares, e de fazê-los registar com todas as solenidades da liturgia burocrática, não vá o Diabo saír-nos abelhudo.

Que abelhudo já êle nos está saíndo, pois até esta altura da vida, em que os cabêlos se nos branqueiam já, nunca nos foi possível pôr em dúvida a imotabilidade gramática da não aplicação de leis novas a quem quer que estivesse na posse legítima de garantias conferidas por leis anteriores.

Não há estudante que se tenha matriculado no liceu, que não tenha o seu caderno escolar, devidamente rubricado, escolarmente preenchido. Tal caderno servia até aqui, era ouro de lei; mas agora, porque o ouro tem ágio, não compreendêmos a operação financial que torna facultativa para os escolares da 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª classe a aquisição do novo caderno, quando aos alunos da 1.ª, 2.ª e 3.ª classe se impõe a compra do rol prestes a saír dos prélos gementes da Imprensa Nacional.

Cadernos que teem 4 modêlos, alguns dêles com o retrato do paciente esmordicado pelo sêlo branco do estabelecimento liceal.

Ora a lei orçamental do Ministério da Instrução foi publicada em 9 de setembro último, e logo, em notícia telegráfica datada de 10 do mesmo mês, publicava o *Primeiro de Janeiro* o seguinte:

A folha oficial deve publicar ámanhã um decreto determinando que desde o principio do proximo ano lectivo devem fazer uso dos novos modêlos do caderno escolar aprovados por aquele diploma, todos os individuos que pretenderem seguir o curso de instrução secundária, quer seja nos estabelecimentos oficiaes, quer no ensino particular e domestico, e todos os alunos e alunas, nas mesmas condições, que estão seguindo o mesmo curso secundario até á 3.ª classe, assim como todas as alunas que pretenderem frequentar o curso especial de educação feminina. Os novos modêlos de caderno escolar são: n.º 1, destinado a todos os alunos dos liceus; n.º 2, para todas as alunas do curso de instrução secundária, matriculadas nos liceus; n.º 3, destinado a todos os alunos e alunas do curso de instrução sécundária, no ensino particular e domestico; n.º 4, para todas as alunas do curso especial de educação feminina. O preço de cada caderno é de $30, sendo feita a sua aquisição no liceu onde se efectuar a matricula, ou em cuja área o aluno do ensino particular ou domestico residir, ficando registado mediante o pagamento de $05 de emolumentos para a secretaria do liceu. Em Lisboa e Porto o caderno para as alunas do curso secundario será adquirido nos liceus femininos. No acto da aquisição do caderno do modêlo n.º 3, os interessados apresentarão a sua fotografia, para ser colada no caderno e autenticada com o sêlo branco do respectivo liceu. Nenhum aluno ou aluna será admitido ás provas de exame sem apresentação do seu caderno escolar. Por cada registo de exame dos alunos e alunas do ensino particular e domestico cobrarão as secretarías dos liceus o emolumento de $10. Essas secretarías devem proceder, até 15 de outubro proximo, á transcrição para os novos cadernos das notas dos atuaes alunos e alunas até á 3.ª classe, cobrando o emolumento de $10, sendo facultativo o uso dos novos caderuos para os atuaes alunos e alunas matriculadas nas 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª classes, desde que tenham devidamente registado e sem quaesquer emendas e rasuras o antigo caderno. As emendas, rasuras ou quaesquer actos de má fé praticados em cadernos escolares importam na imediata anulação da matricula dos alunos e alunas dos liceus e do ensino particular e domestico, ficando tambem invalidados os mesmos cadernos.

Tudo, como se vê, facilidades e barateamento da instrução. Mas o espaço falta; continuarêmos, pois, no próximo número.

A "CANUDA,,

Foi a Lisboa curar-se duma mordedura dum cão, que se supõe hidrofobo, a Cacilda *Canuda*, tipo popular da nossa terra que nem aos forasteiros póde passar despercebido tal o fraseado que desenvolve para lhes apanhar os *dezreisinhos*.

Mal diria a *Canuda* que antes de morrer ainda havia de ir á capital, refastelada em carruagem de terceira e com ordenança da judiciaria ao lado!

E contudo lá está se bem que em condições só dignas de lastima.

Notas mundanas

O capitão de infanteria 24, sr. Wenceslau José Gonçalves Guimarães casou com a sr.ª D. Venancia Rosa Ferreira Martins.

Testemunharam o acto o sr. Abel Augusto de Pinho, sua esposa e filhos.

✠ *Tambem casou o sr. Francisco Sequeira Machado, 1.º cabo de marinheiros, com a menina Laura Gomes da Silva, sendo testemunhas da cerimonia os srs. José da Silva, 1.º sargento da armada e Manuel da Silva Palavra, negociante.*

✠ *Egualmente se consorciaram ha dias o sr. Manuel Luiz Coimbra Flamengo, empregado comercial, com a sr.ª D. Maria Aurora Costa, sendo padrinhos os srs. Manuel Francisco Leitão, proprietario e Carlos Batista Guimarães, capitão de cavalaria 8.*

A todos, muitas venturas.

✠ *Ontem pelas 10 horas da manhã têve logar na casa da residencia do escrivão-notario, sr. Francisco Marques da Silva, á rua do Carmo, o casamento do nosso amigo Octavio Duarte de Pinho com a sr.ª D. Judith Lopes Brandão.*

Testemunharam o acto, por parte da noiva, o sr. Francisco Marques da Silva e sua esposa, D. Felismina Kresse Marques da Silva, e por parte do noivo seus paes, o sr. Abel Augusto de Pinho e D. Julia Duarte de Pinho, assinando o termo a mãe da noiva e várias outras pessoas presentes.

Os noivos, que possuem os suficientes dotes de alma e de coração para constituirem um ménage feliz, saberão crear o ambiente necessario para que a sua vida decorra entre sorrisos de amor e clarões de felicidade num largo e ininterrupto periodo de venturas, que justificadamente merecem.

Terminado o copo de agua, que precedeu a cerimonia nupcial, os noivos seguiram para o Bom Jesus de Braga, onde passarão a lua de mel.

✠ *De Lourenço Marques chega-nos a noticia de se ter unido pelo matrimonio com a sr.ª D. Maria G. de Belegarde e Silva, gentilissima filha do sr. coronel Belegarde e Silva, director de Agrimensura, o nosso velho amigo e distinto clinico, sr. dr. Antonio Maria Pereira Vilar, natural de Oliveira de Azemeis.*

Muitas felicidades.

✠ *Regressaram de férias os srs. drs. Gama Regalão e Adriano Amorim, respectivamente, juiz e delegado desta comarca.*

✠ *Da Costa Nova viéram o sr. Antonio Felizardo, sua esposa e filhos e a familia do sr. João Pinto de Miranda.*

✠ *Fez anos no dia 4 o sr. dr. Manuel Luiz Ferreira, de Albergaria-a-Velha.*

✠ *Da praia de S. Jacinto tambem chegaram a esta cidade os srs. Agostinho de Souza, ilustrado professor do liceu e João Pereira Campos, acompanhados de suas familias.*

✠ *Esteve na quarta-feira em Aveiro o sr. João Pedro Soares, que no mesmo dia retirou para o Porto.*

✠ *De passagem para a Barra esteve ontem nesta redacção, o sr. Albano Joaquim de Almeida, de Ois da Ribeira.*

✠ *Na mesma praia acha-se tambem a passar o mez de Outubro o sr. dr. Roque Ferreira, de Fermentêlos.*

Um protesto

Em reunião da Comissão Local de Socorros a Naufragos, o ilustre capitão do porto, sr. Jaime Afreixo, ponderou que o pessoal da tripulação da barca *Africa* foi todo seguro na Companhia Mutual do Norte. A barca naufragou. Por uma tempestade? Talvez, se bem que podia ter sido incendio, abalroamento, aguaaberta pela idade do navio, etc.; mas a companhia seguradora estabeleceu que foi tempestade, e, escudando-se com o artigo 8.º n.º 2 do Regulamento--Desastres no Trabalho—aprovado pelo decreto n.º 938 de 9 de Outubro de 1914, decidiu nada pagar ás familias dos segurados que morreram. Perante tal injustiça, esta Comissão Local, disse ainda o distinto oficial, não póde deixar de, incidentemente, pedir com as suas mais calorosas instancias e repleta da mais justa indignação, que a Central faça vêr ao govêrno a profunda iniquidade do artigo e numero citados do Regulamento e Decreto n.º 938, pois que a continuar ele a vigorar, os seguros feitos ás tripulações dos navios, debaixo da clausula de exclusão de indemnisações por desastres com causa em tempestades, não são outra coisa mais do que um lôgro aos maritimos e uma especulação em que as companhias de seguro só teem a ganhar, não tendo nada a perder. Por exemplo: um homem que cáe da mastreação e morre no convés ou no mar, sendo com bom tempo é indemnisada a familia, mas se fôr debaixo de temporal, em face da letra do Regulamento, já ela não o é.

Não póde de maneira nenhuma tolerar-se semelhante doutrina. E porque assim tambem o entendemos acompanhamos a Comissão Local de Socorros a Naufragos no seu veemente protésto.

Actriz Isaura Ferreira

Morreu no dia 1 em Lisboa a actriz aveirense Isaura Ferreira, que foi uma das mulheres mais bonitas da nossa terra, distinguindo-se tambem no palco, onde debutou ha perto de trinta anos, entrando na peça *Os tres dragões*, que subiu á scena no teatro da Trindade, operêta em que egualmente se estrearam Herminia Adelaide, que anda pelo Brazil e Ester de Carvalho, a quem a morte arrebatou em plena mocidade.

Inteligente, viva e alegre, Isaura Ferreira, que logo se revelou uma actriz de merecimento, foi escolhida para o reportorio de Francisco Palha, que a utilisou no genero de *soubrettes* e *trovesti*, fazendo com grande relêvo a farça *Trinta botões* e outras, que centenas de vezes o publico lisboêta teve ocasião de vêr e aplaudir. Foram-lhe distribuidos papeis importantes na *Gillette de Narbonne*, *Nitouche*, *Ciganos*, *Toutinegra do Templo* e muitas mais peças cujos titulos sería fastidioso inumerar, pois percorreu quasi todos os teatros de Lisboa e Porto agregada ás companhias que os exploravam, tendo inclusivamente representado no *Republica* e no *Apolo*, com bastante discreção, o genero sério a que não estava afeita.

Depois que saíu do Trindade, a distinta actriz encorporou-se em repetidas *tournées* ao Brazil, demorando-se numa delas, e regressando á patria ha uns doze anos, de onde mais se não tornou a afastar.

A ultima vez que a vimos, foi ha dois anos se tanto, com o *Grand Guignol*, ao lado de Adelina e Aura Abranches e do actor Alexandre de Azevedo, que visitaram esta cidade, dando alguns espectaculos. Então recebeu ela dos seus conterraneos condigna consagração visto que rarissimas vezes aqui veio depois que se dedicou á vida do teatro.

A inditosa artista contava apenas 45 anos de edade, terminando a sua existencia poucos mezes após o ter-se-lhe manifestado a tuberculose pulmunar em seguida a um violento ataque de *grippe*. Deixa uma filha, a quem estremecia, e de resto uma vaga na scena portuguêsa de que Isaura Ferreira foi uma das mais graciosas e gentis *étoilles*.

Paz á sua alma.

PARTO DIFICIL

Com satisfação registâmos o completo restabelecimento da sr.ª D. Ana Augusta Dias Tavares, esposa do sr. José Pereira Dias Tavares, ilustrado professor de ensino secundario, a quem um parto dificilimo, com as suas dolorosas e gràves consequencias, colocou entre a vida e a morte.

Noticiando, porém, este facto, faltariamos ao mais rudimentar principio de justiça se não deixassemos consignado ao mesmo tempo o quanto se interessou pela vida da sr.ª D. Ana Augusta o seu medico assistente, o nosso querido amigo dr. Abilio Marques, a cuja intervenção scientifica se devem os bons resultados obtidos, pois durante o largo periodo de tres mezes aí o vimos com uma persistencia unica ao lado da enferma, modificando e mantendo o tratamento consoante as alterações que apresentava—e não foram poucas—conseguindo, por fim, o seu restabelecimento, a sua cura perfeita, radical. E' que o dr. Abilio Marques com o seu reconhecido amor pela sciencia e o natural interesse que sempre nutre pelos seus clientes, especialmente quando estes apresentam casos dificeis, como aquele de que se trata, sente a natural paixão do seu mister e aplicando os seus recursos e vasto saber, consegue sempre um desideratum satisfatorio que lhe tem valido ampliar duma maneira extraordinária o numero de clientes, que, na Costa do Valado, onde habita, lhe não permitem um momento de descanço. Assim, após porfiada luta, o triunfo de agora não podia ser mais completo e por isso com o dr. Abilio Marques nos congratulâmos muito intimamente, folgando em termos este ensejo para lhe testemunharmos a nossa admiração e grande simpatía, vinda já dos saudosos e inolvidaveis tempos da escola.

Será verdade?

Lê-se no *Radical*, de Oliveira de Azemeis:

«Sômos informados de que alguem, que se diz republicano democratico, anda empenhado em que seja nomeado oficial de diligencias um individuo que não é o indicado pela comissão municipal do partido, contrariando assim as resoluções e vontade daquele corpo politico.

Se assim é, come no-lo afirmam, muito teremos que conversar...

E' só uma questão de tempo, pouco tempo.

Ha tantos *arranjistas*... republicanos democraticos de hoje e façanhudos monarquetes de ontem, a trabalharem pela *coesão* do partido em Oliveira de Azemeis que licito é esperar que em bréve tudo seja democratico nesta santa terra.

Para longe com republicanos de tal raça!...»

O que admira é que o *Radical* só agora tivésse dado por tal, e lhes queira passar o pé...

Necrología

Faleceu no dia 1 em casa de seu avô materno, com perto de cinco anos, a menina Luiza da Silva Pereira, estremosa filha do nosso assinante sr. Manuel da Silva Pereira, que, de Lisboa, onde se acha estabelecido com padaria, aqui veio dizer-lhe o derradeiro adeus acompanhando-a á ultima morada.

Os nossos sentimentos.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 6

Faleceu ontem nesta freguezia o notavel jurisconsulto, sr. dr. João Eduardo Nogueira e Mélo. O funeral hade ter logar ámanhã, ás 10 horas, e diremos alguma coisa sobre ele.

A' sua irmã, a sr.ª D. Ana Nogueira Lemos, viuva do saudoso dr. José Pereira Lemos e a seus filhos, apresentamos os nossos sentidos pêsames.

=O 5 de Outubro foi aqui festejado com foguetes e repiques de sinos. Esteve hasteada, no edificio escolar, a bandeira nacional que hoje está içada a meia haste, em sinal de sentimento pela morte do sr. dr. Nogueira e Mélo.

C.

✠

Idem,

Dr. João E. Nogueira e Melo

E' com o coração traspassado da mais pungente dôr que noticio o passamento duma das maiores inteligencias que esta freguezia tem produzido. Faleceu o sr. dr. João Eduardo Nogueira e Melo, hoje pelas 3 1|2 horas da tarde. Ha onze longos mezes sofria dolorosa-

mente; mas sempre com a maior resignação e esperanças na vida. Que mundo de ilusões!

Conversador delicioso, versando todos os assuntos, encantava ouvi-lo falar, pelo que prendia sempre toda a atenção dos seus numerosos amigos. Tenho eu a honra de ser um dos seus mais intimos, deplorando a sua falta em extremo; pois todas as tardes dos domingos e dias santificados, as ia passar com ele. Agora, deixar-me-hei ficar em casa, chorando a sua perda.

Foi jurisconsulto muito distinto, e um dos politicos mais importantes deste distrito.

Seguia a politica de Dias Ferreira que muito o considerava. Este grande estadista, ofereceu-lhe por vezes, várias candidaturas, bem como o logar de Governador Civil do seu distrito. Tudo recusou, querendo sómente exercer o cargo de administrador do seu concelho e de presidente da câmara, para o beneficiar, e que lhe deve a criação da comarca, a conclusão da nova casa municipal e outros melhoramentos.

Concluida a sua formatura em 1870, foi logo nomeado administrador, para onde só se podia transitar de pé ou a cavalo. Pensou na abertura duma estrada que ligasse esta freguezia á séde do concelho, e, dentro em pouco, estava construida, fazendo-a seguir até Angeja.

Foi este o seu primeiro e importantissimo melhoramento aqui.

Fez, por vezes, parte da Junta Geral do distrito com a maior distinção, e tanta que o seu maior antagonista Alexandre Seabra dizia qee muito o considerava pela sua vasta inteligencia e seriedade.

Sei de toda a sua biografia, cujos tópicos mais antigos lhe apanhei com muito custo em inumeras visitas, pois fugia sempre o mais possivel de referir o que dizia respeito aos factos mais notaveis dela e tanto que, vendo-a, de surpreza, na revista *A Nova Patria*, me disse; foi você que arranjou isto, mas declaro-lhe que não gostei. A minha resposta foi um pouco sêca; pois disse-lhe entre outras coisas que não era ele o primeiro a vêr a sua biografia em vida.

Foi transcrita pela *Soberania do Povo*, de Agueda e *Jornal de Albergaria*, que decerto os seus principaes amigos lêram, e de bastantes recebeu ele felicitações, afirmando-lhe serem justas.

Era muito o que tinha a dizer désta alta personagem; mas não mo deixa o meu estado de consternação, e, como disse, a sua biografia foi publicada nos tres jornaes que citei. Digo, em resumo: Alquerubim perdeu o seu primeiro esteio, infelizmente insubstituivel.

Tambem os seus amigos o choram.

No céu esteja a sua alma.

5—10—1915.

Francisco Corrêa de Sá e Melo

Palhaça, 6

Não passou despercebido aos republicanos desta freguezia o 5 de Outubro.

Logo de madrugada subiram ao ar estrondosos foguetes que acordaram do ultimo sono os que de manhã se demoram mais um bocado na cama, dizendo até o povo mais ingenuo que parecia a guerra, tal foi o continuo estampido, a que a Palhaça está pouco habituada.

A's 13 horas formou a filarmonica local, ha tempo desorganisada, no local da feira, e dali seguiu rua abaixo em direcção ao Troviscal, onde havia rija festa.

Ao som da *Portugueza* correspondiam vivas a Afonso Costa, á Patria, á Republica Portuguêsa, aos revolucionários civis e militares de Lisbôa, a Bernardino Marhado, etc., vivas que eram correspondidos pelos que acompanhavam a musica.

Ao fundo da rua do Areeiro tomaram os seus logares em carros, seguindo outros de bicicleta até á Povoa do Forno, onde se fez a primeira *étape*. Como não estivésse o representante do concelho, sr. Santos Ferreira, dirigiu-se o grupo ao Troviscal, onde foi recebido pela filarmonica de ali.

Então atingiram as manifestações as raias do delirio! Foguetes e vivas ao som do hino nacional pelas duas musicas se ouviam de um modo ensurdecedor. Depois trocam-se cumprimentos entre aquele povo irmão, e eis que chega, de carro, o administrador sr. Santos Ferreira, acompanhado pelos srs. professor Macêdo e Pires, de Malhapão. Novos e entusiasticos vivas acompanhados de musica e foguetes de calibre 52, diziam.

Um bocado de socego e palestra entre os manifestantes. E momentos depois dirigem-se para o adro da egreja onde está a casa das sessões da Junta e onde foi colocada uma lápide comemorativa dos pimentistas.

Como ali se encontrasse o cidadão Manuel Mota, que se arrojou a votar abaixo da cadeira o presidente da Junta pimentista, foi encarregado de descerrar a lápide, usando da palavra o administrador, que foi bréve, seguindo-se-lhe o professor Macêdo, que num acalorado discurso exaltou a obra da Republica, e principalmente de alguns republicanos em evidencia, carregando nos pimentistas e nessa execranda ditadura que queria absorver o partido republicano.

Terminou com um viva ao Partido Republicano Português e outros a Afonso Costa, á Patria, aos revolucionários de Lisbôa, ao novo presidente Bernardino Machado, os quaes foram delirantemente correspondidos.

Foi uma festa animadora para os republicanos das duas freguezias que de futuro mais hãode estreitar as suas relações amistosas.

C.